

## BADALO IMAGINOSO

\* Roberto Rodrigues

Como em toda parte, Cruz Branca do Meio também tinha uma categoria humana desprezível: o puxa saco, sabujo, o badalo, aquele que cria suas defesas elogiando os poderosos aos quais adere qual hera parasita.

Muitas vezes o adulado não se dá conta deste comportamento: pior, há casos em que o sujeito fica até dependente dos elogios profissionais, vicia-se no puxa-saquismo, precisa da loa barata e passa a acreditar só no adulator e, no limite, quando algum real amigo o previne disso ou de outro deslize cometido, entende a advertência como um gesto de agressão e a despreza: o amigo vira inimigo, adversário dominado pela inveja, pelo ciúme, pelo ressentimento.

Isso acontece em todo canto, e é muito evidente no mundo político, quando o poderoso, isolado em seu gabinete, passa a acreditar apenas naqueles “assessores fiéis” que só elogiam suas atitudes e decisões, desmerecendo todo mundo que pense o contrário. A adulação contínua distorce a realidade. Um perigo!

Mas há ocasiões em que ela fica engraçada.

Foi o que aconteceu com o Coronel Zeca, sitiante abastado de Cruz Branca, que abrigava um “mumbava” deste tipo. Mumbava é expressão que se usava no primeiro quartel do século passado para caracterizar pessoas que “encostavam” nos produtores rurais, e viviam de sua mesa, cama e roupa lavada, em troca de pequenos serviços ou favores, e muita cabotínice. Como naquele tempo as estradas eram precárias, as escolas poucas e distantes, muitos mumbavas se aproveitavam disso e “ensinavam” às crianças o que sabiam de aritmética, literatura e até algumas palavras em latim, francês, inglês. E iam ficando no bem bom.

Jamais um sujeito antipático ou chato chegava a ter sucesso como mumbava. Simpatia, graça, algum verniz nos modos, eram condições essenciais para viver da “profissão”.

Pois o Coronel Zeca tinha um mumbava desses, bajulador e pegajoso. E mentiroso até não ter mais jeito.

Coronel começava a contar um caso, numa rodinha e o Cipó – era seu apelido, sempre grudado no tronco – já superlativava o feito.

- Comprei duas novilhas boinhas lá no leilão...

E o Cipó:

- Boinhas, Coronel seu Zeca? Boinhas? Tem dó. Vosmecê escolheu as duas melhores do planeta mundo! E barato, dado, de graça! Vosmecê não tem comparação, vá ser esperto assim lá no Japão, sô”.

Outra vez, Zeca contava que tinha brigado com um desafeto quando jovem, acabando por lhe dar um tapa.

E o Cipó: “Tapa, mas que tapa, Coronel seu Zeca! Aquele foi um tribufu de canhão, destroncou o queixo do desinfeliz, arrancou até dente do siso dos dois lados e esmoreceu o capiau. Até hoje deve andar com dor no pescoço torto depois daquela patada atômica”.

E por aí ia: mentia que nem sentia.

Pois bem, certa vez estava o Cipó sentado na soleira da casa da sede do sítio, final da tarde, quando chegou de bicicleta um cabra desconhecido.

- Tarde.

- Tarde.

- Tô procurando um tal de Cipó, conhece o homem?

- Pois é eu, meu amigo, aqui às suas ordens, é só mandar.

- Prazer, seu Cipó. O seguinte é esse: sou lá do Desemboque, e se orgulho de ser o campeão da mentirice lá. Mas correu que vosmecê é mentiroso categorizado, vim tirar a limpo, porque empreendo ser o maior mentiroso da região todinha. Sinhô tá disposto a tirar um desafio comigo?

E o Cipó modesto, humilde.

- Aceito sim, moço, mas vosmecê vai ter que esperar uma horinha. É que acabei de recolher as abelhas do Coronel e dei falta de 3. Agora tenho que campear elas no mato, mas volto logo. Me espera?

O ciclista, diante de tal peto, deu-se por derrotado e pedalou de volta.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**